

PANORAMA DAS PESQUISAS NO ENSINO DE HISTÓRIA*

Ernesta Zamboni**

Inicialmente, expresso os meus agradecimentos e a satisfação em estar presente neste V Encontro de Pesquisadores, no qual pude constatar que houve um crescimento quantitativa e qualitativo na produção sobre o ensino de História. Ao pensar neste texto, tive a oportunidade de lembrar não só meu trajeto profissional, mas também as pessoas e obras que diretamente estão relacionados a minha formação e vida profissional. Para quem participou desses encontros desde o primeiro, em Uberlândia, em 1993, é prazeroso constatar que esta foi uma iniciativa que se enraizou e nos permitiu construir um grupo com identidade.

Ao escrever este texto me aproximei dos temas, das fontes de pesquisa e dos procedimentos teórico-metodológicos adotados pelos pesquisadores e pude fazer um diagnóstico das tendências temáticas que aparecem nos debates, nos grupos de trabalho nacionais e internacionais e, dessa forma, ampliar e divulgar as reflexões produzidas na área do ensino de História aos professores do ensino fundamental, médio e superior dos cursos de História e de Educação.

Ao refletir sobre o panorama das pesquisas sobre o ensino de História fui levada a emaranhar-me, pensar e relacionar sobre teias de diferentes saberes: a produção historiográfica, os saberes educacionais, os processos de comunicação, as políticas públicas direcionada à educação e a cultura e, sobretudo, como se dá a formação do professor. Quero ressaltar que pesquisas realizadas nessa área do ensino de História estão relacionadas com mais de uma área do conhecimento, em nosso caso, com as áreas de História e Educação.

Como fonte para esta apresentação recorri aos arquivos da CAPES para conhecer as teses de mestrado e doutorado sobre o Ensino de História, as monografias de curso, trabalhos de iniciação científica em artigos existentes em revistas especializadas,

* Texto apresentado na mesa-redonda "A Pesquisa Sobre o Ensino de História: Definição e Características", da qual participaram a Profa. Dra. Lúcia de Fátima Guerra Ferreira (UFPB) e a Profa. Dra. Terezinha Oliva (UFS).

** Profa. do Instituto de Educação da UNICAMP.

principalmente em anais de congressos das revistas da ANPUH, seminários de perspectivas no ensino de História.

Não se pode pensar no ensino de História deslocado da formação do professor, que é de fundamental importância se considerarmos a docência como uma prática de pesquisa e, para delimitarmos melhor esse campo, é necessário que pensemos na identidade do professor. Para muitas das pesquisas voltadas para a produção do conhecimento é fundamental que haja uma relação íntima entre os saberes e a prática docentes.

A partir da década de 80, estudos despertaram novos olhares sobre os professores e houve a necessidade de reconhecer que ele é um indivíduo de um saber e um fazer próprios, e que se conhece pouco sobre os seus saberes de referência. Essa reflexão sobre os docentes pode nos trazer descobertas a respeito das práticas presentes no seu cotidiano, que historicamente foram ignoradas pela literatura educacional. Esses saberes interagem com a identidade do professor.

Dario Fiorentini afirma que na década de 60 havia uma valorização quase exclusiva do conhecimento, isto é, dos saberes específicos que o professor tinha sobre a sua disciplina. Na década de 70 a valorização incidiu sobre os aspectos didático-metodológicos relacionados às tecnologias de ensino, passando para um segundo plano, o domínio dos conteúdos. Os trabalhos e pesquisas sobre o ensino de História desse período tem um caráter de relato de experiência com pouca ou nenhuma reflexão teórica. Nos anos 80, o discurso educacional é dominado pela dimensão sócio-política e ideológica da prática pedagógica. A produção da pesquisa incide sobre o livro didático e começam os primeiros trabalhos sobre currículo, e alguns muito timidamente refletem sobre uma análise teórica. Foram muito frequentes trabalhos sobre diferentes linguagens, principalmente sobre a história em quadinhos. A década de 90 foi marcada pela busca de novos enfoques e paradigmas para a compreensão da prática docente e dos saberes dos professores, embora tais temáticas ainda sejam pouco valorizadas nas investigações e programas de formação de professores. O trabalho de Selva Guimarães sobre a memória do professor de História foi um marco.

Atualmente, é necessário aprofundarmos essa temática devido às discussões e à política do MEC, que está relacionada a mudanças de currículo e a uma nova concepção de licenciatura.

LINHAS DE PESQUISA

Os primeiros apontamentos referentes a essas temáticas foram feitos em 1997, quando ocorreu o III Encontro de Pesquisadores do Ensino de História, em Campinas. Os trabalhos apresentados nos possibilitaram agrupá-los em algumas linhas de pesquisa que foram ampliadas posteriormente:

- formação do professor de História;
- produção do conhecimento;
- identidades culturais e memórias locais;
- currículo;
- história do ensino de História e História da América;
- linguagens e ensino de História e novas tecnologias;
- produção historiográfica e livro didático;
- memória e ensino de História;
- o uso escolar de fontes históricas.

A maioria desses temas está presente nas pesquisas de outros países, por isso não podemos afirmar que sejam exclusivamente nacionais. A abordagem teórica está baseada principalmente na historiografia francesa, inglesa, alemã e canadense. Os primeiros trabalhos nacionais sobre o ensino de História foram de Jonathas Serrano na década de 30. Entre as décadas de 40 e 50 na *Revista de História*, publicada pelo Departamento de História da Universidade de São Paulo foram publicados artigos das professoras Emilia Viotti e Maria Amélia Domingues de Castro e dos professores Guy de Hollanda e Paulo França. O trabalho de Guy de Hollanda – “*Um quarto de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário (1931-1956)*”⁴⁸ é clássico e fundamental para o estudo dos programas e currículos de História.

Os primeiros trabalhos internacionais sobre ensino de História chegaram aos nossos professores na década de 60 e 70 e foram produzidos no Canadá.⁴⁹ Até então, as abordagens sobre o ensino se restringiam a normatizar o trabalho do professor e às técnicas a serem usadas na sala de aula. Os trabalhos produzidos na América Latina (Brasil, México, Argentina, Colômbia, Venezuela, Chile) são muito semelhantes, pois estão fundamentados basicamente na escola francesa, nos historiadores oriundos da *École Des Annales*. As poucas diferenças são decorrentes apenas de suas características culturais.

⁴⁸ HOLLANDA, G. de. *Um quarto de século de programas e compêndios de História para o ensino secundário* (1931-1956). Rio de Janeiro: INEP/MEC, 1956.

⁴⁹ ALLARD, Michel e LEFEVRE André. (Orgs.). *L'Histoire et son enseignement*- Press Universitaires du Québec – Québec.

Já a década de 80 foi muito rica para a pesquisa no ensino de História devido à abertura política e redemocratização da sociedade brasileira. Depois da ditadura militar, o partido vencedor, PMDB, se voltou para educação, foram organizadas novas propostas curriculares em todos os Estados e a pesquisa e a produção sobre ensino passaram a ter visibilidade. Os pesquisadores do ensino de História buscaram na História Nova francesa os referenciais teóricos e temáticos que orientaram suas pesquisas e produções.. Alguns livros como *História Nova*, de Jacques Le Goff, *Reflexões sobre a História Nova*, de autores franceses e traduzidos em Portugal foram muito divulgados no Brasil. Também marcou época nesse período Suzane Citrön com o livro *Memória Perdida e Encontrada*. Outra obra nacional que se fez presente foi o livro organizado por Marcos Silva, *Repensando a História*, e não posso deixar de mencionar o trabalho *Repensando o Ensino de História*, das professoras Maria Conceição Cabrini e Helenice Ciampi. É muito importante também a contribuição da professora Déa Felon, que foi uma grande incentivadora para que a ANPUH (Associação Nacional de Professores de História) passasse a discutir a produção sobre o ensino de História, e a partir desse momento há na Revista Brasileira de História um espaço para a discussão sobre o ensino de História e a possibilidade dos professores que trabalham, pesquisam e se preocupam com o ensino darem visibilidade às suas produções. Entre números publicados pela Revistas Brasileiras de História que foram marcantes para o ensino são: Memória. História e Historiografia – Dossiê ensino de História, no início da década de 90 e o outro foi História em Quadro Negro. Vários núcleos regionais da Anpuh têm publicações centradas em reflexões sobre o Ensino de história com Paraná, Santa Maria no Rio Grande do Sul, Paraíba, Minas Gerais (Uberlândia)

No final da década de 80 já aparecem trabalhos que tinham como referencial teórico E. P. Thompson, Foucault, Guatarri e na década de 90 Walter Benjamin.

Com relação ao tema *A História do Ensino de História*.

Inicialmente quero destacar a importância de alguns trabalhos que marcaram época e foram significativos para esse tema. O mais significativo foi a tese de livre docência da professora doutora Elza Nadai, pois ela incentivou marcadamente os trabalhos sobre ensino de História. O seu trabalho foi referência e ainda o é para inúmeras pesquisas.

Os fundamentos teóricos dessa temática, a partir da década, estão assentadas nos trabalhos de Chevel, *A história das disciplinas escolares, Chevallard – Develay*.⁵⁰ As pesquisas chamam a atenção para a origem do ensino de História no Brasil, a partir do século XIX, e o papel desempenhado pelo Instituto Histórico e Geográfico no processo da criação da disciplina História no ensino fundamental e médio. Desde a sua criação como disciplina escolar até as últimas décadas do século XX, a História foi entendida como o espaço da perpetuação e preservação dos heróis e de uma memória nacional, desempenhando um papel fundamental como a formadora da nação e cidadania. Essa concepção de ensino de História modifica-se no ensino a partir das mudanças nos regimes políticos, dos ideários políticos-partidário que se fizeram presente tanto nas Leis e Diretrizes Educacionais como nas reformas curriculares da década de 80, encaminhando-se para outras concepções de Educação e Ensino. Na década de 80, os paradigmas historiográficos, anteriormente propostos por Marc Bloch, e as reflexões da História Nova tornaram-se presentes nas propostas curriculares de História com o aparecimento de novas temáticas a serem estudadas, novas concepções de periodização e propostas metodológicas que entendem o ensino como um campo especial da pesquisa.

Outro aspecto a destacar são as dimensões do ensino de História no presente. Longe de ser uma reprodução e uma perpetuação de heróis e memórias nacionais, os profissionais do ensino de História tem se preocupado em buscar o novo e o universal no cotidiano, recuperando a memória do homem comum e procurando novos caminhos de concepção do ensino. Na atualidade, as concepções de ensino foram redimensionadas e não se restringem às atividades em sala de aula.

As novas propostas teórico-metodológicas, assentadas no cotidiano, na história local e nos lugares da memória têm ampliado o campo da pesquisa/ensino em História. O patrimônio, a propaganda, as políticas públicas voltadas para o ensino e diferentes linguagens têm constituído um campo especial da pesquisa em História. Em particular, o tema ensino de História da América, linha de pesquisa desenvolvida no sul do Brasil por pesquisadores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul com projetos institucionais da

⁵⁰ CHERVEL. "A história das disciplinas escolares. Reflexões sobre um campo de pesquisa". In *Teoria e Educação*, nº 2 Porto Alegre. 1990. CHEVERLLARD, Y. *La transposicion didactica*. Del SaberSabio al Saber Enseñado. Buenos Aires. Aique Grupo Editor, 1995.

Universidade de Mendonça (Argentina) e da Universidade Federal de Santa Catarina coordenados pela professora doutora Maria de Fatina Sabino Dias. O objeto da linha de pesquisa é composto pelas mediações entre o conhecimento historiográfico, a produção institucional do conhecimento histórico e a sua ampliação para o grande público. Nesse sentido, o campo da pesquisa inclui, além do ensino formal, ações culturais do Estado e também iniciativas não-estatais, como as associações de classe e culturais.

Os objetivos propostos por esse grupo são:

- historicizar as idéias e práticas no ensino de História, os termos de sua memória nas considerações sobre o ensino da disciplina, relativizando o poder de sedução de alguns termos muito usados como: formar o cidadão, concepção renovada de História, ensino crítico, conscientização;

- colocar em perspectiva histórica a interação entre os vários momentos do ensino de História: definição dos seus objetivos; seleção dos conteúdos, aplicação de metodologias que efetivam esses dois momentos anteriores.

Uma perspectiva emergente na atualidade é a textual, ou seja, á que estabelece um novo enfoque para as fontes já tradicionais, como o currículo, o livro didático e as imagens. Algumas comunicações relacionadas ao tema da História da América trouxeram a questão da presença de “novos personagens” na história ensinada, anteriormente marginalizados ou tratados com preconceito, como, por exemplo, os índios. Finalmente, após as exposições das pesquisas e debates foi retomado o objeto da linha de pesquisa, que foi resumida em dois nomes propostos: história do ensino de História / história da educação histórica. O primeiro reflete a intenção de concentrar os estudos na história da disciplina, principalmente na educação formal, seguindo o estatuto epistemológico já estabelecido da história das disciplinas. O segundo nome expressa a necessidade de estudar amplamente a formação da consciência histórica da população nas múltiplas influências que são exercidas sobre a imagem que a mesma faz da história.

A pesquisa com a categoria *Tempo histórico* é um tema que está sempre presente nas pesquisas. Esses trabalhos têm uma forte influência da teoria proposta por Piaget e está mais circunscrita à primeira fase do ensino fundamental. Esse tema é abordado pelos historiadores desde o final do século XX e deixou de ser um elemento explicativo da causalidade, no qual um fato era explicado por outro

em seqüência temporal, cronológica, linear e teleologicamente direcionado para se transformar em uma concepção não-linear, não teleológico, fragmentado e podendo ocorrer em velocidades diferentes, as temporalidades, segundo os fenômenos estudados. Essas mudanças são fruto das contribuições teórico-metodológicas que sofreram os estudos históricos nas últimas décadas.

O balanço é abordado sob a ótica da didática, isto é, como o conceito tempo aparece nas propostas curriculares e é desenvolvido pelos professores no ensino fundamental e médio. Para se trabalhar com a noção de tempo histórico nas primeiras séries do ensino fundamental, o ponto de partida são as atividades diárias que envolvem o cotidiano dos alunos, permitindo criar periodizações, trabalhar as noções de longa e curta duração, seqüência, cronologia, diferenciar o tempo linear do cíclico e o tempo vivido do tempo físico. O ensino de História assentado em eixos temáticos tem a função de criar condutos lógicos que organizam os conteúdos, dando-lhes significado.

LINGUAGENS ALTERNATIVAS DO ENSINO DE HISTÓRIA

Esse tema apresenta um grande número de trabalhos e de natureza diversificada, graças a multiplicidade de linguagens que são usadas nos ensino de História, como: cinematográfica, documental, jornais, quadrinhos, pintura, música, computador, literatura e jogos, dentre outras. Há uma grande quantidade de trabalhos Os temas mais freqüentes são :

Literatura e ensino de história; Imprensa, História Oral (depoimentos orais, histórias de vida e trajetórias de vida); Teatro ; Imagens (fotografia, pintura, cartoons, charges, histórias em quadrinhos, imagens e comunicação); Música (popular brasileira, músicas relacionadas a períodos históricos específicos); Artes Visuais (pintura e escultura trabalhadas separadamente ou de forma integrada); Cinema (filme, filme histórico, vídeo, documentário); Jogos e brincadeiras; Museu de rua; Mapas conceituais; Computador e informática na sala de aula; Cidade (patrimônio histórico, educação patrimonial, vivenciar a cidade, trabalhar com a história local, museu de rua); Escola Rural (uso de novos métodos e manuais); Experiências diversas envolvendo um conjunto de licenciados, alunos e professores da rede pública de ensino fundamental.

Na maioria das pesquisas se propõe analisar uma linguagem alternativa, em geral a partir do relato de projeto, poucos trabalhos

apresentam uma discussão de natureza teórica precedendo o relato de uma experiência. A situação mais freqüente é que se enfoque as atividades conduzidas em sala de aula, fazendo uma análise de seus “efeitos” na qualidade das aulas de História. Poucos trabalhos se propunham a discutir questões de natureza exclusivamente teórica, tais como a própria definição do que sejam linguagens alternativas ou especulações sobre História, verdade e ficção, ou mesmo problematizando o conceito de História que está em jogo quando se buscam outras linguagens para expressá-las em sala de aula.

Em muitas pesquisas foi identificado que ao se usar filmes em sala de aula desloca-se o centro do processo de aprendizagem do professor para a técnica.

O uso das diferentes linguagens está relacionada à formação docente. Inicialmente esse profissional deve ser um consumidor dessas linguagens, estar muito bem preparado, possuir um refinamento intelectual, ter clareza de suas concepções de História, de sua visão de mundo e crenças e dominar os referenciais de produção nessas diferentes linguagens. Em muitos relatos inferi que a diversidade e a complexidade pertinentes nessas linguagens foram transformadas em conteúdo para o ensino, tornando-se homogeneizadas e massificadas pelo discurso técnico da psicologia e da pedagogia, que as assimila em sua linguagem e política. Como esses discursos técnicos tendem a ser “a-críticos”, oficiais, conservadores e dominantes na política de ensino e pesquisas nas instituições que trabalham com ensino, os professores e pesquisadores são levados a utilizá-los como linguagem padrão institucional.

LIVRO DIDÁTICO

Nesse tema alguns trabalhos constituíram referências para os outros e estão ligados a pesquisas desenvolvidas na França, no INRS, projeto Emanuelle de Allan Chpoin. A pesquisa da professora Circe Bittencourt sobre o livro didático é uma importante referência. Outro trabalho que foi e continua sendo referência é o trabalho do professor Kazumi sobre a produção do livro didático. A análise dos trabalhos, durante o III Encontro de Pesquisadores sobre o Ensino de História mostrou-nos que há pesquisas que dirigem suas reflexões para as práticas de leitura do passado, as formas de apropriação das obras didáticas e os resultados das análises sobre o livro didático. As pesquisas situam-se nos seguintes níveis de preocupação: 1. Práticas de leituras e formas de apropriação dos livros didáticos; 2. Circulação

e estratégias editoriais; 3. História da disciplina e livros didáticos; 4. Livros didáticos de História: conteúdos e tendências historiográficas.

No primeiro item - Práticas de leituras e formas de apropriação dos livros didáticos - tem sido arroladas as fontes de pesquisa e as metodologias de investigação: a observação etnográfica, discursos dos professores e alunos, planos de aula, práticas pedagógicas; história oral (depoimentos de autores, livreiros, editores, vendedores, professores e usuários), análises de folhetos publicitários, cadernos de alunos para verificação dos exercícios, guias e orientações aos professores. A presença do livro na sala de aula, a maneira como ele é usado, quais recursos oferece aos professores e aos alunos e como é possível complementar a leitura do livro didático com textos de outra natureza possibilitou criar controvérsias e outras interpretações na sala de aula. Foi levado também em consideração a distinção entre os livros que se dirigem às escolas públicas e os destinados às escolas particulares.

No segundo item - Circulação e estratégias editoriais - ressaltou-se o cuidado que se deve ter em relação às fontes de pesquisas, muitas vezes imprecisas e pouco confiáveis; que o Estado é o maior comprador de livros didáticos e as grandes editoras do país se firmam como produtoras de livros didáticos e a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre todo o processo de produção e editoração do livro didático. Verificou-se também que há uma série de fontes a ser investigadas como, por exemplo, a FAE, Câmara Brasileira do Livro, Abrelivros, Catálogo Brasileiro de Publicações, publicações eletrônicas pela internet produzidas pela Nobel e o catálogo da Biblioteca Nacional.

No terceiro e quarto itens - História da disciplina e livro didático e Livros didáticos de história: conteúdos e tendências historiografia - foram estabelecidas várias conexões entre o livro didático e o debate historiográfico, destacando que, no século XIX, havia uma estreita conexão entre esses dois pólos, pois os autores de livros didáticos eram os historiadores. Com o aumento do mercado editorial e dos títulos, criou-se um maior distanciamento entre a historiografia e o livro didático. Foi analisado que o texto didático varia seu grau de complexidade conforme a série, não sendo único para todos os níveis. Chamou-se a atenção que os paradidáticos, que são uma categoria diferenciada, geralmente são livros cujos autores são contratados pelas editoras ou consistem em traduções de livros estrangeiros.

É necessário destacar como foi apontado no Encontro de Pesquisadores, em Campinas:

1. A importância da observação etnográfica, da investigação sobre a conduta dos pais e de outras pessoas da família na leitura do livro didático, de cruzar a pesquisa bibliográfica nas áreas da psicologia e da aprendizagem com a produção didática.;

2. Que há várias fontes para se conhecer o livro didático e que foram pouco exploradas como FAE, EC, ABRELIVROS, CBL, Catálogo Brasileiro de Publicações e a internet;

3. Investigar a distância que existe entre os historiadores e a produção didática e como os livros incorporam as novas tendências historiográficas. Esse tipo de investigação deve passar por um crivo, visto que, na academia, a produção historiografia é um objetivo em si mesmo, enquanto que o livro didático tem objetivos e um perfil específicos, que é o educativo;

4. Os pesquisadores presentes na conclusão manifestaram o interesse de constituir um grupo institucionalizado de pesquisa sobre o livro didático, uma espécie de núcleo de pesquisa. No Encontro de Ouro Preto, em abril deste ano, o grupo que estudou o livro didático organizou uma rede via internet para aprofundar esse tema.

CURRÍCULOS

O tema Currículo é importante ponto de entrecruzamento com outros temas, como a história da disciplina, políticas públicas, história da educação e formação de professores, projetos educacionais. Pela variedade de subtemas existentes, fica evidente a necessidade de aprofundar o debate teórico-metodológico para dar maior destaque às atuais concepções de currículo, considerando as contribuições recentes de teorias provenientes de autores nacionais e internacionais.

Outro aspecto a ser destacado é a importância de fazer uma análise das diferentes fontes de pesquisa, a natureza dos documentos escritos. Dá-se maior ênfase nas pesquisas que utilizam métodos da pesquisa de campo, considerando a relevância de investigar o denominado currículo real, produzido na sala de aula. Esse aspecto, bastante polêmico, favoreceu a especificação de algumas das características das pesquisas de campo, especialmente as de caráter etnográfico. Há necessidade de introduzir, na apresentação e no decorrer da discussão, um conjunto de agentes escolares envolvidos no processo de produção curricular, valendo-se então de outras fontes,

como os meios acadêmicos, o ideário das políticas partidárias, os autores.

A contribuição de autores estrangeiros como Goodson, Nóvoa, Chervel, Chevallard, Forquin, Thomás Tadeu foram e são importantes no desenvolvimento dos trabalhos e das pesquisas..

IDENTIDADES CULTURAIS E MEMÓRIAS LOCAIS E CULTURA

Nesse campo investigativo, nota-se uma grande diversidade de pesquisas sobre temas que cruzam estudos biográficos com identidades culturais, história local com história da cidade, do bairro, da escola, como as pesquisas que têm como referencial teórico os conceitos de cultura, identidade, memória e os escritos de Walter Benjamin, Antony Giddens, Jurgen Habermas, David Harvey, Norbert Elias, Hobsbawm entre outros. Os trabalhos sobre cultura têm como fundamento a busca ou o estudo a respeito da homogeneidade cultural, étnica e lingüística, o caráter nacional e progressivo dos processos de escolarização da sociedade. No universo da escola o material didático e o conteúdo transmitido levam a tendências homogeneizadoras, hierarquizadas dos saberes, portanto se caracterizam pela fragmentação do social e diluição das dimensões espaço-temporais - sobretudo face ao avanço da globalização cultural no país. Há alguns trabalhos de pesquisa, entre eles o que foi desenvolvido em Campinas, financiado pela FAPESP em parceria com uma escola secundária e coordenado pela professora Maria Carolina Galzerani, que chamou a atenção sobre a importância, no interior do ensino de história, da recuperação da memória tomada no sentido benjaminiano, memória crítica, afetiva, articulando elementos voluntários e involuntários, linguagem e "experiências vividas", enfatizando de modo particular as memórias locais - onde são priorizados os conflitos, as contradições e as diferenças - nas suas relações com a macro-história. Nessa pesquisa deu-se destaque às potencialidades do trabalho com memórias locais no ensino de história, de maneira a fortalecer o aluno como produtor de conhecimento histórico. Isto é, como intérprete da historicidade local, sem perder de vista tanto o lugar do qual fala como o diálogo com outros sujeitos (professor, comunidade) e outros saberes (historiográficos ou não) - relativos, inclusive, à macro-história.

Nessa linha de pesquisa ocorre o resgate da história e da memória das classes trabalhadoras em suas relações com as classes

dominantes e dos estudos específicos de um determinado bairro ou cidade, na tentativa de trazer à tona especificidades micro-histórica, em suas relações com a macro-história.

Nos trabalhos apresentados, os conceitos básicos de identidade, cultura, história local, cidade, memória são focalizados de maneira a possibilitar olhares múltiplos sem perder de vista a dimensão dos conflitos, das contradições historicamente dadas. Nesse sentido, uma das grandes contribuições é o questionamento de produções de memórias locais articuladas à história dos vencedores, de um lado, e as potencialidades oferecidas pela temática para a problematização do avanço da globalização cultural e dos seus efeitos desenraizadores e esfaceladores do social - particularmente no que diz respeito à concepção de tempo, de espaço, de relações sociais, de singularidades culturais. Essa foi uma das preocupações do coordenador do grupo, além de estabelecer uma bibliografia básica sobre o tema: Walter Benjamin, Habermas, Harvey, Samuel, Proença, Silva, Montenegro, Galzerani.

Concluindo :

A leitura de todos documentos referentes ao ensino de História e currículo de História objetivam a formação de uma **Consciência História e da Identidade Nacional**. Essa preocupação está presente na consolidação da História como disciplina escolar tanto sob as orientações da burguesia triunfante do século XVIII como do nacionalismo do século XIX. Não podemos esquecer que a História, como disciplina escolar, sempre teve uma concepção nacionalista, que em momentos de exaltação chegou a excessos que todos conhecemos, principalmente em períodos de regimes fortes, ditaduras como a de Vargas e a militar pós 1964. A História tem representado uma arma de exaltação nacionalista, como se pode verificar nas teses e monografias sobre o período. Não são raras as propostas curriculares que têm como objetivo ou instrumentaliza a História para a criação de uma consciência regional, no caso nacional. As possibilidades que oferece o ensino de História para a formação da noção de nação são imensas. Se o positivismo teve uma papel importante nessa direção, não tem sido menor a contribuição que o marxismo nos oferece para a formação de uma consciência crítica, chamando a atenção para a importância do povo, do homem comum na construção da História. Nesse sentido a recuperação de uma memória nacional e individual faz que sejamos cada vez menos

escravo de nosso passado, isso significa que a História pode nos libertar.

Finalmente levanto uma questão: até que ponto a construção de uma identidade nacional nos moldes determinados pelos programas governamentais são adequados para o momento contemporâneo, em um período de globalização onde as distâncias são cada menores?